

O Livro de Urântia

<< [Documento 82](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 84](#) >>

Documento 83

A Instituição do Matrimônio

83:0.1 (922.1) A NARRATIVA dos primórdios da instituição do matrimônio se constitui assim: progrediu de modo firme, partindo dos acasalamientos desobrigados e promíscuos da gente, por intermédio de muitas variações e adaptações, até o surgimento daquele casamento padrão que, finalmente, culminou na realização de acasalamientos de pares, a união de um homem e uma mulher, que estabeleceu o lar da ordem social mais elevada.

83:0.2 (922.2) O matrimônio tem estado em perigo várias vezes; e os costumes do matrimônio têm apelado violentamente tanto para a propriedade quanto para a religião, como apoio; a influência real, contudo — que, para sempre, salvaguarda o matrimônio e a família resultante — , é o fato biológico simples e inato de que os homens e as mulheres positivamente não viverão uns sem os outros, sejam eles os selvagens mais primitivos ou os mortais mais cultos.

83:0.3 (922.3) É por causa do impulso sexual que o homem egoísta é seduzido a fazer de si algo melhor do que um animal. A relação

sexual satisfaz o corpo e gratifica o amor-próprio, entretanto acarreta certas conseqüências de abnegação e assegura que se assumam numerosos deveres altruístas e responsabilidades para com o lar, que beneficiam a raça. Nisso, o sexo tem sido um civilizador, não reconhecido mas insuspeito, para o selvagem; e esse mesmo impulso do sexo, automática e inequivocamente, *obriga o homem a pensar e finalmente, pois, o leva a amar.*

1. O Matrimônio Como uma Instituição da Sociedade

83:1.1 (922.4) O matrimônio é o mecanismo da sociedade destinado a regular e a controlar muitas das relações humanas que surgem do fato físico da bissexualidade. Como uma instituição, assim, o casamento funciona em duas direções:

83:1.2 (922.5) 1. Para regular as relações sexuais pessoais.

83:1.3 (922.6) 2. Para regular a descendência, a herança, a sucessão e a ordem social; sendo esta a sua função mais antiga e original.

83:1.4 (922.7) A família que cresce no matrimônio é, em si mesma, um estabilizador da instituição do casamento, junto com os costumes ligados às propriedades. Outros fatores poderosos para a estabilidade do matrimônio são orgulho, vaidade, cavalheirismo, dever e convicções religiosas. Todavia, conquanto os casamentos possam ser aprovados ou desaprovados do alto, dificilmente eles são

feitos de cima, no céu. A família humana é uma instituição muito claramente humana, um desenvolvimento evolucionário. O matrimônio é uma instituição da sociedade, não um departamento para as igrejas. Bem verdade é que a religião deveria influenciá-lo poderosamente, mas não deveria encarregar-se, apenas e unicamente ela, de controlá-lo e regulá-lo.

83:1.5 (922.8) O matrimônio primitivo foi industrial, primariamente; e, mesmo nos tempos modernos, é freqüentemente um assunto social ou de negócios. Por intermédio da influência da mistura do sangue andita e, em consequência dos costumes da civilização em aprimoramento, o matrimônio está-se tornando lentamente mútuo, romântico, paternal, poético, afetuoso, ético e até mesmo idealista. A seleção e o chamado amor romântico, contudo, eram mínimos no casamento primitivo. Durante as épocas primitivas, o marido e a esposa não conviviam juntos por muito tempo; nem mesmo comiam juntos com tanta freqüência. Entre os antigos, porém, o afeto pessoal não era ligado fortemente à atração sexual; passavam a gostar um do outro em grande parte porque viviam e trabalhavam juntos.

2. A Corte e o Noivado

83:2.1 (923.1) Os casamentos primitivos eram sempre planejados pelos pais do rapaz e da moça. O estágio de transição entre esse costume e os tempos da escolha livre foi ocupado pelos agentes matrimoniais, ou seja, os casamenteiros profissionais. A princípio tais

casamenteiros foram os barbeiros; e, mais tarde os sacerdotes. O matrimônio, originalmente, era um assunto grupal; depois, uma questão de família; apenas recentemente tornou-se uma aventura individual.

83:2.2 (923.2) A coerção, não a atração, foi o caminho de acesso ao matrimônio primitivo. Nos tempos primitivos, a mulher não sentia indiferença sexual; apenas a inferioridade sexual imposta pelos costumes. Assim como o saque precedeu ao comércio, o matrimônio pelo rapto precedeu ao matrimônio por contrato. Algumas mulheres eram coniventes com o rapto, para escapar à dominação dos homens mais idosos da própria tribo; preferiam cair nas mãos dos homens de outras tribos, mas da mesma idade delas. Essa falsa fuga foi o estágio de transição entre o rapto forçado e a subsequente corte para a sedução.

83:2.3 (923.3) O tipo primitivo de cerimônia de casamento foi como uma encenação de um rapto, uma espécie de ensaio de fuga que certa vez foi a prática comum. Mais tarde, o rapto simulado tornou-se uma parte da cerimônia normal de casamento. O fingimento de uma moça moderna de resistir ao “rapto” e de ser reticente, quanto ao casamento, é todo um remanescente dos costumes antigos. Carregar a mulher através do limiar da porta é uma reminiscência das inúmeras práticas antigas, entre outras, dos dias dos raptos de esposas.

83:2.4 (923.4) Durante muito tempo, foi negada à mulher a plena liberdade de dispor de si própria no casamento, mas as mulheres mais inteligentes têm sido sempre capazes de contornar essa

restrição, mediante o exercício sagaz da perspicácia. O homem comumente tem tomado a iniciativa da corte, mas nem sempre. A mulher, algumas vezes, tanto encoberta quanto abertamente, toma a iniciativa. E, à medida que a civilização tem progredido, as mulheres têm tido uma participação crescente em todas as fases da corte e do matrimônio.

83:2.5 (923.5) O amor cada vez maior, o romance e a escolha pessoal na corte pré-marital são uma contribuição dos anditas às raças do mundo. As relações entre os sexos estão evoluindo favoravelmente; muitos povos em avanço estão gradativamente substituindo as motivações mais antigas, de utilidade e propriedade, pelo conceito, de algum modo idealizado, da atração sexual. O impulso sexual e os sentimentos de afeto estão começando a substituir o gélido calculismo na escolha dos parceiros.

83:2.6 (923.6) O compromisso originalmente era equivalente ao matrimônio; e, em meio aos povos primitivos, as relações sexuais eram parte da convenção durante o compromisso. Em tempos mais recentes, a religião estabeleceu um tabu sexual para o período entre o compromisso e o matrimônio.

3. A Compra e o Dote

83:3.1 (923.7) Os antigos não confiavam no amor, nem nas promessas; julgavam que as uniões perduráveis deviam ser garantidas por alguma segurança tangível como a propriedade. Por essa razão, o

preço de compra de uma noiva era considerado um penhor ou depósito que o marido se via condenado a perder, em caso de divórcio ou deserção. Uma vez pago o preço da compra de uma noiva, muitas tribos permitiam que a marca-a-ferro-quente do marido fosse cravada nela. Os africanos ainda compram as suas esposas. Uma esposa por amor, ou a esposa de um homem branco, eles a comparam a um gato, porque não custa nada.

83:3.2 (924.1) As feiras de noivas eram ocasiões para vestir e ornar as filhas na exibição pública, com o fito de elevar os seus preços de esposas. Todavia, não eram vendidas como animais — entre as tribos mais recentes, a esposa não era transferível. Nem sempre a sua compra foi uma transação fria ligada ao dinheiro; o serviço era equivalente a dinheiro vivo, na compra de uma esposa. Se um candidato, desejável por outros motivos, não pudesse pagar pela sua esposa, poderia ser adotado como filho pelo pai da moça e então se casar. E, se um homem pobre buscasse uma esposa sem poder arcar com o preço, pedido por um pai ambicioso, os anciões da tribo freqüentemente faziam pressão para que o pai modificasse as suas exigências, ou então poderia haver uma fuga.

83:3.3 (924.2) À medida que a civilização progrediu, os pais passaram a não gostar de parecer estarem vendendo as suas filhas, e assim, ainda que continuando a aceitar o preço de compra da noiva, deram início ao costume de dar aos noivos presentes valiosos que se igualavam quase ao preço da compra. E, com a descontinuidade posterior do pagamento pela noiva, esses presentes tornaram-se o seu dote.

83:3.4 (924.3) O dote existia para dar a impressão de independência da noiva, para sugerir um grande avanço em relação aos tempos das esposas-escravas e das companheiras que eram uma propriedade. Um homem não poderia divorciar-se de uma esposa com dote sem que este fosse devolvido integralmente. Em meio a algumas tribos, um depósito mútuo era feito junto aos pais, tanto da noiva quanto do noivo, para ser resgatado no caso em que algum deles abandonasse o outro; na realidade, era um contrato de casamento. Durante o período de transição entre a compra e o dote, se a esposa fosse comprada, as crianças pertenciam ao pai; se não, pertenciam à família da esposa.

4. A Cerimônia Nupcial

83:4.1 (924.4) A cerimônia de casamento nasceu do fato de que o matrimônio era originalmente um assunto da comunidade, não uma simples culminância da decisão de dois indivíduos. O acasalamento era tanto uma preocupação do grupo quanto uma função pessoal.

83:4.2 (924.5) A magia, o ritual e a cerimônia cercavam toda a vida dos antigos, e o matrimônio não era uma exceção. À medida que a civilização avançou e à medida que o matrimônio passou a ser considerado mais seriamente, a cerimônia de casamento tornou-se cada vez mais pretensiosa. O casamento primitivo tinha um papel no direito das propriedades, como o é hoje, e, portanto, exigia uma

cerimônia legal; e o status social das crianças que adviessem, requeria a maior publicidade possível. O homem primitivo não tinha registros; a cerimônia do matrimônio devia, pois, ser testemunhada por muitas pessoas.

83:4.3 (924.6) A princípio, a cerimônia de casamento era mais algo da ordem de um compromisso que consistia apenas na notificação pública da intenção de viver junto; mais tarde, consistiu em um compartilhar formal da comida. Em algumas tribos, os pais simplesmente levavam as suas filhas até o marido; em outros casos a única cerimônia era uma troca formal de presentes, depois da qual o pai da noiva a apresentaria ao noivo. Entre muitos povos levantinos, o costume era dispensar todas as formalidades e o matrimônio era consumado pelas relações sexuais. O homem vermelho foi o primeiro a desenvolver uma celebração mais elaborada dos matrimônios.

83:4.4 (924.7) A infecundidade era bastante temida e, posto que a esterilidade fosse atribuída a maquinações do espírito, os esforços para assegurar a fecundidade também levaram à ligação do matrimônio a certos cerimoniais mágicos ou religiosos. E, nesse esforço para assegurar um matrimônio feliz e fértil, muitos amuletos foram empregados; até os astrólogos eram consultados para averiguar das estrelas sobre a fecundidade para as partes contratantes. Houve uma época em que o sacrifício humano era um traço regular de todos os casamentos entre as pessoas abastadas.

83:4.5 (925.1) Os dias de sorte eram buscados. A quinta-feira era vista muito favoravelmente, e os casamentos celebrados na lua cheia eram considerados como excepcionalmente afortunados. Era costume de

muitos povos do Oriente Próximo jogar grãos nos recém-casados; isso era um rito mágico para supostamente assegurar a fecundidade. Alguns povos orientais usavam o arroz para esse fim.

83:4.6 (925.2) O fogo e a água foram sempre considerados os melhores meios de resistir aos fantasmas e aos maus espíritos; e daí os fogos no altar e as velas acesas estarem comumente em evidência nos matrimônios, tanto quanto a aspersão da água benta no batismo. Por um longo tempo, era costumeiro estabelecer um dia falso para o casamento e então adiar subitamente o evento, de modo a desviar os fantasmas e os espíritos.

83:4.7 (925.3) As brincadeiras feitas com os recém-casados e as traquinagens da lua-de-mel são, todas elas, reminiscências daqueles dias longínquos em que se pensava ser melhor parecer infeliz e doente aos olhos dos espíritos, para evitar despertar neles a inveja. O uso do véu é uma reminiscência dos tempos em que era considerado necessário disfarçar a noiva para que os fantasmas não a pudessem reconhecer, e também para esconder a sua beleza do olhar fixo de outros espíritos que pudessem ficar ciumentos e invejosos. Os pés da noiva não deviam nunca tocar o chão, pouco antes da cerimônia. Mesmo no século vinte ainda é usual, sob os costumes cristãos, esticar tapetes do carro ao altar da igreja.

83:4.8 (925.4) Uma das formas mais antigas da cerimônia de casamento era que um sacerdote abençoasse o leito nupcial para assegurar a fertilidade da união; isso já era feito muito antes de ser estabelecido qualquer ritual formal de casamento. Durante esse período, na evolução dos costumes do matrimônio, esperava-se que

os convidados se enfileirassem no quarto nupcial à noite, constituindo-se assim as testemunhas legais da consumação do matrimônio.

83:4.9 (925.5) O elemento de sorte que, a despeito de todos os testes pré-maritais, fazia com que alguns casamentos não tivessem êxito, levou o homem primitivo a buscar a proteção do seguro contra o fracasso no casamento; levou-o a sair em busca dos sacerdotes e da magia. E esse movimento culminou diretamente nos casamentos modernos nas igrejas. No entanto, por um longo período, o matrimônio foi reconhecido em geral como consistindo nas decisões dos pais que o contratavam — e, mais tarde, nas do casal — , enquanto nos últimos quinhentos anos a igreja e o estado assumiram a jurisdição e agora presumem fazer os pronunciamentos do matrimônio.

5. Os Matrimônios Plurais

83:5.1 (925.6) Na história inicial do matrimônio, as mulheres não casadas pertenciam aos homens da tribo. Mais tarde, uma mulher tinha apenas um marido por vez. Essa prática de *um homem por vez* foi o primeiro passo para escapar da promiscuidade da tribo. Se bem que não fosse permitido a uma mulher senão ter um homem, o seu marido poderia romper esse relacionamento temporário segundo a sua vontade. Todavia, essas ligações vagamente regulamentadas foram o primeiro passo no sentido de uma vida de casal, em

contraste com a vida no rebanho. Nesse estágio do desenvolvimento do matrimônio, os filhos em geral pertenciam à mãe.

83:5.2 (925.7) O próximo passo na evolução do acasalamento foi o *casamento grupal*. Essa fase comunitária do casamento teve de interpor-se ao desenvolvimento da vida familiar, porque os costumes do matrimônio não estavam ainda fortes o suficiente para fazer com que as ligações dos casais fossem permanentes. Os casamentos entre irmão e irmã pertenceram a esse grupo; cinco irmãos de uma família casar-se-iam com cinco irmãs de uma outra. Em todo o mundo, as formas mais vagas de casamentos comunitários gradualmente evoluíram para vários tipos de casamento grupal. E as associações grupais como tal eram amplamente regulamentadas pelos costumes do totem. A vida familiar desenvolveu-se lenta e seguramente, porque a regulamentação do sexo e do matrimônio favoreceu a sobrevivência da própria tribo, assegurando a sobrevivência de um maior número de crianças.

83:5.3 (926.1) Os casamentos grupais gradativamente cederam caminho diante das práticas emergentes da poligamia — a poligenia e a poliandria — entre as tribos mais avançadas. A poliandria, porém, nunca foi geral, sendo limitada usualmente a rainhas e mulheres ricas; ademais, uma esposa para vários irmãos costumeiramente seria um assunto de família. As restrições de castas e de economia algumas vezes fizeram tornar-se necessário que vários homens se contentassem com uma esposa. Mesmo então a mulher casar-se-ia apenas com um deles, os outros sendo vagamente tolerados como “tios” da progênie conjunta.

83:5.4 (926.2) O costume judeu exigindo que um homem se consorciasse à viúva do seu irmão falecido, com o propósito de “fazer crescer uma semente para o seu irmão”, era um costume em mais da metade do mundo antigo. Essa era uma reminiscência do tempo em que o matrimônio era uma questão da família, mais do que uma ligação individual.

83:5.5 (926.3) A instituição da poligenia reconheceu, em várias épocas, quatro espécies de esposas:

83:5.6 (926.4) 1. As esposas cerimoniais ou legais.

83:5.7 (926.5) 2. As esposas por afeição e permissão.

83:5.8 (926.6) 3. As concubinas, esposas contratuais.

83:5.9 (926.7) 4. As esposas escravas.

83:5.10 (926.8) A verdadeira poligenia, na qual todas as esposas têm um status igual e todos os filhos são iguais, tem sido bastante rara.

Geralmente, mesmo nos casamentos plurais, o lar seria dominado pela esposa principal, a companheira estatutária. Apenas ela teve as cerimônias das bodas rituais, e apenas os filhos dessa esposa comprada ou recebida, com um dote, poderiam ser os herdeiros, a menos que se fizesse um arranjo especial com a esposa estatutária.

83:5.11 (926.9) A esposa estatutária não era necessariamente a esposa pelo amor; nos tempos primitivos, em geral, não era. A esposa amada, ou a mais querida, não apareceu até que as raças estivessem consideravelmente avançadas, mais particularmente depois da miscigenação das tribos evolucionárias com os noditas e os adamitas.

83:5.12 (926.10) A esposa tabu — uma esposa de status legal — gerou os costumes do concubinato. Sob esses costumes, um homem poderia ter apenas uma esposa, mas poderia manter relações sexuais com qualquer número de concubinas. O concubinato foi o trampolim para a monogamia, o primeiro passo de afastamento da poligenia. As concubinas entre os judeus, os romanos e os chineses eram muito freqüentemente as servas da esposa. Mais tarde, como entre os judeus, a esposa legal era encarada como a mãe de todos os filhos nascidos do marido.

83:5.13 (926.11) Os tabus antigos sobre as relações sexuais com uma esposa grávida ou em amamentação tiveram a tendência de fomentar grandemente a poligenia. As mulheres primitivas envelheciam muito cedo, por causa dos partos freqüentes e do trabalho pesado. (E, sobrearregadas, tais esposas conseguiam existir apenas em virtude do fato de que eram colocadas em isolamento durante uma semana por mês, quando não estivessem grávidas.) E a esposa freqüentemente ficava cansada de conceber filhos e pedia ao seu marido para tomar uma segunda esposa, mais jovem, e que fosse capaz de ajudar tanto na concepção de filhos quanto no trabalho doméstico. As novas esposas eram, pois, geralmente acolhidas com alegria pelas esposas mais velhas; nada existia que fosse da ordem do ciúme sexual.

83:5.14 (926.12) O número de esposas era limitado apenas pela capacidade que o homem tinha de sustentá-las. Os homens abastados e capazes queriam um grande número de filhos e, posto que a mortalidade infantil fosse bem elevada, era necessário um

grupo de esposas para ter-se uma grande família. Muitas dessas múltiplas esposas eram meras trabalhadoras, esposas escravas.

83:5.15 (927.1) Os costumes humanos evoluem, mas muito lentamente. O propósito de um harém foi construir um corpo forte e numeroso de famílias de sangue, para ser o suporte do trono. Um certo chefe foi, certa vez, convencido de que não devia ter um harém, de que deveria contentar-se com uma só esposa e, assim, prontamente desfez o seu harém. As esposas insatisfeitas foram para as suas casas e os seus parentes ofendidos caíram irados em cima do chefe e mataram-no ali, no mesmo instante.

6. A Verdadeira Monogamia — O Matrimônio de um Casal

83:6.1 (927.2) A monogamia é um monopólio; é boa para aqueles que alcançam esse estado de modo desejável, mas tende a impor uma privação biológica àqueles que não são tão afortunados. A despeito, porém, do efeito sobre o indivíduo, a monogamia é decididamente melhor para os filhos.

83:6.2 (927.3) As primeiras monogamias foram devidas à força das circunstâncias, à pobreza. A monogamia é cultural e social, artificial e não natural, isto é, não-natural para o homem evolucionário. Foi inteiramente natural para os noditas e os adamitas mais puros e tem sido de grande valor cultural para todas as raças avançadas.

83:6.3 (927.4)

As tribos caldéias reconheciam o direito que a esposa tem de impor uma promessa pré-matrimonial, de que o seu esposo não tomaria uma segunda esposa ou concubina; os gregos e os romanos favoreceram o casamento monogâmico. A adoração dos ancestrais tem sempre fomentado a monogamia, como o tem o cristianismo, no seu equívoco de considerar o matrimônio como um sacramento. Mesmo a elevação do padrão de vida tem militado consistentemente contra a pluralidade de esposas. Na época do advento de Michael em Urântia, praticamente todo o mundo civilizado havia atingido o nível da monogamia teórica. Contudo, essa monogamia passiva não significou que a humanidade se tivesse tornado habituada à prática do matrimônio composto de um verdadeiro casal.

83:6.4 (927.5)

Ao perseguir o objetivo monogâmico daquele matrimônio ideal, constituído de um casal, o que é, afinal, algo como uma associação sexual monopolizadora, a sociedade não deve omitir-se sobre a situação não invejável daqueles homens e mulheres desafortunados que não conseguem encontrar um lugar nessa ordem social nova e melhor, ainda que havendo dado o melhor de si para cooperar com ela e corresponder aos seus requisitos. O fracasso em conseguir um companheiro na arena social da competição pode ser devido a dificuldades insuperáveis ou a múltiplas restrições que os costumes correntes tenham imposto. Verdadeiramente, a monogamia é ideal para aqueles que se mantêm nela, mas deve

inevitavelmente representar uma grande dificuldade para aqueles que são deixados de fora, no frio da existência solitária.

83:6.5 (927.6) Sempre uns poucos desafortunados tiveram que sofrer para que a maioria pudesse avançar sob o desenvolvimento dos costumes na civilização em evolução; mas a maioria favorecida deveria sempre encarar com ternura e consideração os seus semelhantes menos afortunados, que devem pagar o preço da impossibilidade de encontrar um lugar nas fileiras daquelas ligações sexuais ideais que permitem a satisfação de todos os seus impulsos biológicos; e sob a aprovação dos costumes mais elevados da evolução social adiantada.

83:6.6 (927.7) A monogamia tem sido sempre, é agora, e para sempre será a meta idealista da evolução sexual humana. Esse ideal do verdadeiro matrimônio de um só par, compreende o auto-sacrifício e, portanto, tão freqüentemente fracassa exatamente porque uma ou ambas as partes contratantes são deficientes naquilo que é o ápice de todas as virtudes humanas: um autocontrole rigoroso.

83:6.7 (927.8) A monogamia é a unidade de medida do avanço da civilização social, como pode ser diferenciada da evolução puramente biológica. A monogamia não é necessariamente biológica ou natural, mas é indispensável à manutenção imediata e ao desenvolvimento posterior da civilização social. Contribui para uma delicadeza de sentimentos, para um refinamento do caráter moral e para um crescimento espiritual, todos os quais completamente impossíveis na poligamia. Uma mulher nunca poderá tornar-se uma mãe ideal,

quando, todo o tempo, fica obrigada a entrar em rivalidades na busca do afeto do seu marido.

83:6.8 (928.1) O matrimônio que se restringe a um único par favorece e fomenta uma compreensão íntima e cooperação efetiva que são melhores para a felicidade dos pais, para o bem-estar dos filhos e para a eficiência social. O matrimônio iniciado na coerção crua está gradativamente evoluindo para uma magnífica instituição de autocultivo, autocontrole, auto-expressão e autoperpetuação.

7. A Dissolução do Vínculo Matrimonial

83:7.1 (928.2) Na evolução inicial dos costumes maritais, o matrimônio foi uma união vaga que podia terminar à vontade, e os filhos sempre seguiam a mãe; pois os laços entre mãe e filho são instintivos e funcionam independentemente do estágio do desenvolvimento dos costumes.

83:7.2 (928.3) Em meio aos povos primitivos, apenas cerca da metade dos casamentos mostrou-se satisfatória. A mais freqüente causa da separação era a esterilidade, sempre atribuída à esposa; e acreditava-se que as esposas sem filhos transformar-se-iam em cobras, no mundo do espírito. Sob os costumes mais primitivos, o divórcio era obtido por opção apenas do homem e esse padrão perdurou até o século vinte em meio a alguns povos.

83:7.3 (928.4) À medida que evoluíram os costumes, algumas tribos desenvolveram duas formas de matrimônio: a comum, que permitia

o divórcio; e o casamento sacerdotal, que não permitia a separação. A instauração da compra e do dote da esposa com a introdução de uma penalidade de propriedade, em caso de fracasso do matrimônio, em muito reduziu a separação. E, de fato, muitas uniões modernas são estabilizadas por esse antigo fator de propriedade.

83:7.4 (928.5) A pressão social do status na comunidade e os privilégios de propriedade têm sempre sido fortes na manutenção dos costumes e tabus do matrimônio. Através das idades, o matrimônio fez um firme progresso e está em uma posição avançada no mundo moderno, não obstante haver sido atacado ameaçadoramente por uma insatisfação muito difundida entre aqueles povos para os quais a escolha individual — uma nova liberdade — afigura-se como mais importante. Ainda que esses transtornos no ajustamento surjam entre as raças mais progressistas, como resultado da evolução social subitamente acelerada entre os povos menos avançados, o matrimônio continua florescendo e aprimorando-se lentamente sob a orientação dos costumes mais antigos.

83:7.5 (928.6) A nova e súbita substituição do motivo do amor, mais ideal, mas extremamente individualista, no matrimônio, em lugar do motivo da propriedade, mais antigo e mais estabelecido, levou a instituição do matrimônio a tornar-se, de forma inevitável, temporariamente instável. Os motivos do homem para o casamento têm, de longe, transcendido sempre à moral factual do matrimônio e, nos séculos dezenove e vinte, o ideal ocidental de matrimônio subitamente ultrapassou, em muito, os impulsos sexuais autocentrados das raças, mas autocontrolados sempre apenas

parcialmente. A presença de um grande número de pessoas não casadas, em qualquer sociedade, indica uma ruptura temporária dos costumes ou uma transição deles.

83:7.6 (928.7) A prova verdadeira para o matrimônio, ao longo de todas as idades, tem sido aquela intimidade contínua da qual nenhuma vida familiar pode escapar. Dois jovens, superprotegidos e estragados por mimos, educados na expectativa de todas as indulgências e gratificações plenas à sua vaidade e ao seu ego, dificilmente podem esperar um grande êxito no casamento e na edificação de um lar — uma associação vitalícia de auto-anulação, compromisso, devoção e dedicação altruísta à criação de filhos.

83:7.7 (929.1) O alto grau de imaginação e romance fantástico que entra nos namoros é amplamente responsável pelas tendências crescentes ao divórcio entre os povos modernos ocidentais; e tudo isto ainda se torna mais complicado com o aumento da liberdade pessoal da mulher e sua liberdade econômica. O divórcio facilmente obtido, resultado da falta de autocontrole ou fracasso no ajuste normal entre as personalidades, apenas conduz diretamente de volta àqueles estágios rudes da sociedade dos quais, só muito recentemente, o homem emergiu, e como resultado de muita angústia pessoal e sofrimento racial.

83:7.8 (929.2) Todavia, enquanto a sociedade falha em educar apropriadamente as crianças e os jovens, enquanto a ordem social deixa de prover a educação pré-marital adequada e enquanto o idealismo juvenil pouco sábio e imaturo for o árbitro para o ingresso no matrimônio, nessa mesma medida, o divórcio continuará

prevalecendo. E, enquanto o grupo social deixar de prover a preparação dos jovens para o casamento, nessa extensão, o divórcio deverá funcionar como a válvula de segurança social a impedir situações ainda piores durante as idades do rápido avanço dos costumes em evolução.

83:7.9 (929.3) Quer parecer que os antigos hajam levado o matrimônio tão a sério quanto alguns povos dos dias atuais o fazem. E não parece que muitos dos casamentos apressados e mal-sucedidos dos tempos modernos representem qualquer aperfeiçoamento das práticas antigas para qualificar os jovens rapazes e moças para o acasalamento. A grande inconsistência da sociedade moderna é exaltar o amor e idealizar o matrimônio, e ao mesmo tempo desaprovar um exame mais completo de ambos.

8. A Idealização do Matrimônio

83:8.1 (929.4) O matrimônio que culmina no lar é de fato a instituição mais elevada do homem. Contudo, sendo essencialmente humana, não deveria nunca ter sido considerado um sacramento. Os sacerdotes setitas fizeram do matrimônio um ritual religioso; mas, por milhares de anos, depois do Éden, o acasalamento continuou como uma instituição puramente social e civil.

83:8.2 (929.5) A assimilação das ligações humanas às ligações divinas é bastante infeliz. A união de marido e esposa em um relacionamento

matrimônio-lar é uma função material para os mortais dos mundos evolucionários. De fato, é verdade que muito progresso espiritual pode advir em consequência dos esforços humanos sinceros de marido e esposa, para progredir; mas isso não significa que o matrimônio seja necessariamente sagrado. O progresso espiritual acompanha o esforço sincero aplicado a outros campos da atividade humana.

83:8.3 (929.6) Nem pode o matrimônio ser verdadeiramente comparado à relação do Ajustador com o homem, nem com a fraternidade entre Cristo Michael e os seus irmãos humanos. Em quase nenhum ponto, tais relações podem ser comparadas à associação entre marido e esposa. E é bastante impróprio que a concepção humana errônea desses relacionamentos haja gerado tanta confusão quanto ao status do matrimônio.

83:8.4 (929.7) Também infeliz é que alguns grupos de mortais hajam concebido o matrimônio como sendo consumado pela ação divina. Tais crenças levam diretamente ao conceito da indissolubilidade do estado marital, independentemente das circunstâncias ou dos desejos das partes contratantes. Mas o fato mesmo da dissolução do casamento, por si, indica que a Deidade não é uma parte conjunta em tais uniões. Uma vez que Deus haja unido quaisquer duas coisas ou pessoas, elas permanecerão assim unidas até a época em que a vontade divina decreta uma separação. Todavia, no que concerne ao matrimônio, que é uma instituição humana, quem irá presumir julgar, e dizer, quais casamentos são as uniões que podem ser

aprovadas pelos supervisores do universo e quais delas, ao contrário, são puramente humanas em natureza e origem?

83:8.5 (930.1) Entretanto, existe um ideal de matrimônio nas esferas do alto. Na capital de cada sistema local, os Filhos e Filhas Materiais de Deus retratam o ponto máximo dos ideais da união, do homem com a mulher, nos laços do matrimônio, e com o propósito de procriar e educar uma progênie. Afinal, o matrimônio mortal ideal é *humanamente* sagrado.

83:8.6 (930.2) O matrimônio sempre tem sido e ainda é o sonho supremo na idealidade temporal do homem. Embora esse belo sonho raramente seja realizado integralmente, permanece como um ideal glorioso, levando sempre a humanidade em progresso a esforços maiores na direção da felicidade humana. Contudo, alguma coisa das realidades do casamento deveria ser ensinada aos jovens rapazes e moças, antes que eles se lançassem nas exigências severas das interassociações da vida familiar; a idealização juvenil deveria ser temperada, em algum grau, pelas decepções pré-maritais.

83:8.7 (930.3) A idealização juvenil do matrimônio não deveria, contudo, ser desencorajada; tais sonhos são uma visualização da futura meta da vida familiar. Essa atitude não só é estimulante como se torna útil, desde que não produza uma insensibilidade à compreensão dos quesitos práticos e comuns do matrimônio e da vida familiar subsequente.

83:8.8 (930.4) Os ideais do matrimônio têm feito um grande progresso em tempos recentes; em meio a alguns povos, a mulher desfruta de direitos praticamente iguais aos do seu consorte. Em conceito, ao

menos, a família está-se tornando uma parceria leal para criar a prole, acompanhada da fidelidade sexual. Todavia, mesmo essa versão mais nova do matrimônio não precisa presumir o ponto extremo de conferir o monopólio mútuo de toda a personalidade e individualidade. O matrimônio não é apenas um ideal individualista; é a parceria social, em evolução, entre um homem e uma mulher, existindo e funcionando sob os costumes em vigor, restringidos pelos tabus e compelidos pelas leis e regulamentações da sociedade.

83:8.9 (930.5) Os matrimônios no século vinte estão em um nível alto em relação ao das idades passadas, não obstante a instituição do lar estar agora passando por uma prova séria, em função dos problemas tão subitamente jogados sobre a organização social, pelo aumento precipitado de liberdades da mulher, com direitos por tanto tempo a ela negados durante a evolução lenta dos costumes nas gerações passadas.

83:8.10 (930.6) [Apresentado pelo Comandante dos Serafins estacionados em Urântia.]